



## **Subjetividade, individualidade e singularidade em Minas, de Milton Nascimento: territorialidades do Clube da Esquina**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: MÚSICA POPULAR

*Luciano Cintra Silveira*  
*UniRio- lcs972@gmail.com*

**Resumo** Reflexão sobre a noção de subjetividade, individualidade e singularidade a partir do Álbum Minas, de Milton Nascimento, exclusivamente a partir de um olhar cartográfico, proposto por Félix Guatari, em seu trabalho *Micropolíticas: cartografias de um desejo* (1986), com o objetivo de situar o termo ‘Clube da Esquina’ como uma questão de territorialidade e de múltiplos sujeitos.

**Palavras-chave:** Cartografia. Clube da esquina. Milton Nascimento.

**Subjectivity, individuality and singularity in Milton Nascimento’s Minas: Territorialities of Clube da Esquina**

**Abstract:** Reflection on the notion of subjectivity, individuality and singularity from the Album Minas, Milton Nascimento, exclusively from a cartographic perspective, proposed by Felix Guatari in his work: *Micropolitics: cartography of desire* (1986), with the objective of place the term "Clube da Esquina" as a matter of territoriality and multiple subjects.

**Keywords:** Cartography. Clube da Esquina. Milton Nascimento.

### **1. Introdução**

Encontramos hoje, na literatura, diversas noções que circundam o termo ‘Clube da Esquina’<sup>1</sup>: um movimento, uma estética, um disco, uma canção ou um conceito. Não nos interessa entrar nessa discussão, nem nos é relevante fazer qualquer escolha arbitrária sobre qual desses entendimentos do termo pretendemos sobrepor a reflexão desse texto. Nos interessa sobretudo o aspecto de produção coletiva que está implicado no termo, qualquer que seja a abordagem escolhida. A partir disso, pretendemos situar o autor Milton Nascimento na discussão personificando a dicotomia individual/coletivo, de forma a procurar o que há de singular, particularmente em Minas, álbum de 1975, objeto de nossa pesquisa.

A relação indivíduo/coletivo pressupõe, em um primeiro momento, a relação de uma unidade com o todo, onde todo poderia ser entendido como a soma de suas partes. Esse seria um possível caminho, caso aceitássemos a necessária reificação do todo, e a partir daí estabelecer relações referenciais entre indivíduo e o coletivo (perspectiva apontada pela noção de Identidade Cultural).

A partir da perspectiva de Guattari, no entanto, a noção de indivíduo é diversa e aponta para um processo complexo de interação de forças sociais e econômicas que se

materializam no indivíduo, em uma espécie de produção em série de indivíduos, a que ele chama de produção da subjetividade capitalística.

É precisamente a partir dessa perspectiva que pretendemos discutir a noção do identitário e do singular em Minas, onde temos, por um lado, o sujeito Milton Nascimento, autor, figura central e aglutinante do discurso, de outro lado, um todo a que ele se conecta, tanto por relação metonímica como por elaboração do seu próprio processo de singularização.

O ponto de partida necessário para a discussão da discursividade e, especificamente da relação que agora nos interessa (individual/coletivo), vem a ser o entendimento da noção de indivíduo. Para Guattari, indivíduo e subjetividade são dissociados e ambos são impactados e produzidos por mecanismos maquínicos das estruturas capitalísticas. Ele dá o nome de individuação à unidade existencial básica que está atrelada a princípios biológicos, fundamentalmente, quer sejam os pares, homem x mulher, vivo x morto – e a partir daí suas decorrências de sobrevivência, como forças geradoras do processo de individuação – e mesmo relações sócio-econômicas que localizam o ser em um território social, um lugar ao qual ele pertence e onde nele se produz a sua subjetividade.

O posicionamento da unidade existencial básica não garante, ou melhor, não é suficiente, para determinar os sistemas de hierarquias e disciplinarização, esquemas de valores e categorizações. Na fricção do processo de individuação com o processo de inculcação desses esquemas é que resulta a subjetividade. De forma tendenciosamente passiva, a unidade individual é modelada e submetida a um processo industrial de produção, complexo e globalizado, em escalas amplas, de maneira que o indivíduo é serializado, modelado.

A subjetividade, acrescente-se, não se restringe no indivíduo, e nem mesmo reside no indivíduo: ela é resultante das forças maquínicas (o que ele chama de produção da subjetividade capitalística) da dimensão macro/molar com os processos infra-pessoais (dimensão molecular).

Sob esse ponto de vista, a unidade autoral central Milton Nascimento do álbum Minas é tríplice: Milton como processo de individuação, Milton como indivíduo e Milton como subjetividade. A construção do sujeito passa, necessariamente, por um percurso historicamente definível, construível e factível. Não me refiro a um definido ou a um construído, mas a uma possibilidade que se dá na aproximação ao objeto, na sua construção, que tem nos passos iniciais do observador/historiador o seu gesto inicial. Milton sintetiza um processo de individuação historicamente atrelado às minorias. Guattari distingue claramente a noção de minoria com a de marginal, de forma que uma minoria não precisa estar necessariamente na posição marginal e vice-versa. Nesse contexto, desenvolve a noção do

devir, como sendo a potencialidade do desenvolvimento da singularidade, estabelecendo portanto os pares mulher/devir-mulher, negro/devir-negro, homossexuais/devir-homossexuais. Milton apresenta, historicamente, as marcas dessas minorias que, compondo seu processo de individuação, se deixam transparecer ao longo da obra, especificamente, nos limites desse trabalho, no álbum Minas.

Ao contrário da busca por um universal e do retorno ao idêntico que está implícito na noção de Identidade Cultural, o devir se estabelece a partir de um jogo de forças – agenciamentos sociais - que produzem a subjetividade dessas minorias. Essa subjetividade ‘se relaciona com’, ‘se referencia a’, marca sua territorialidade a partir das referências maquínicas da produção da subjetividade capitalística. Dessa forma a problemática da minoria se transfere para uma multiplicidade dos sujeitos e de uma pluralidade (discursiva?). Nas palavras do autor, quando trata, por exemplo do grupo dos homossexuais:

A homossexualidade que os homossexuais constroem não é algo que os especifique em sua essência, mas sim algo que diz respeito diretamente à relação com o corpo, à relação com o desejo do conjunto das pessoas que estão em torno dos homossexuais. Isso não quer dizer que os homossexuais pretendam fazer proselitismo ou instaurar uma ditadura da homossexualidade. Quer dizer, simplesmente, que a problemática que eles singularizam em seu campo não é do domínio do particular ou, menos ainda, do patológico, e sim do domínio da construção de uma subjetividade que se conecta e entrelaça com problemáticas que se encontram em outros campos, como o da literatura, da infância, etc. São justamente esses elementos que levariam a falar de um norte-sul através dos países, de uma negritude através de todas as raças, de línguas menores através de todas as línguas dominantes, de um devir homossexual, de um devir criança, de um devir planta através dos sexos delimitados (GUATTARI; ROLNIK, 1986: 75).

Seguindo essa linha, a negritude que Milton-Negro constrói estabelece as diversas pontes com os diversos agentes com os quais ele se comunica, e a partir dos quais ele demarca seu território. No jogo dessas relações dos diversos processos de individuação, nas relações dos diversos devires, na presença das minorias que, hora se materializam na pele, hora se materializam na sexualidade, hora se materializam em processos históricos de exclusão social, é que se demarca esse território chamado Clube da Esquina: exatamente o lugar da multiplicidade dos sujeitos e da pluralidade (discursiva?).

Assim, nos afastamos da noção de identidade cultural, e portanto da necessidade de qualificar o termo ‘Clube da Esquina’ como movimento ou qualquer coisa semelhante, e passamos a tratá-lo como uma questão de territorialidade. Território de diálogo e de concatenação de forças capitalísticas de produção de uma subjetividade coletiva que, ao se relacionar com os diversos devires, as diversas questões e diversas minorias presentes no

nível dos indivíduos produzem um espaço semiótico, onde os diversos discursos revelam um processo histórico de segregação, silenciamento e apagamento.

Os dois outros aspectos presentes no sujeito, segundo essa perspectiva, se relacionam de maneira dinâmica e recíproca. Guattari propõe a noção de um indivíduo modelado, serializado. Desde a infância o indivíduo se constrói através da inculcação de sistemas de representação e de sensibilidades. Vem a ser um “terminal individual consumidor de subjetividades”. A subjetividade, entendida como uma produção maquínica, que ele dá o nome de produção da subjetividade capitalística, estabelece as bases do sistema, compondo o que Marx chamava de “infra-estrutura produtiva”. O processo de subjetivação é, portanto, a resultante de um sistema de conexão direta entre grandes máquinas produtivas de controle social e as instâncias psíquicas (desejo) do indivíduo. A subjetividade pode ser, então, por analogia, compreendida como a linguagem, no que se refere aos processos envolvidos:

É claro que não são dois indivíduos, um emissor e um receptor, que inventam a linguagem no momento em que estão falando. Existe a linguagem como fato social e existe o indivíduo falante. A mesma coisa acontece com todos os fatos da subjetividade. A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares (GUATTARI; ROLNIK, 1986: 33).

Dessa subjetividade compartilhada, que delimita uma territorialidade de significações e de sistemas de representação simbólicos comuns, é que resulta um agenciamento coletivo de enunciação, nos termos propostos por Guattari. O sujeito é, portanto, múltiplo, no sentido de que resulta de todas essas forças sociais que interagem nos níveis molares e moleculares. O processo de subjetivação – isto é, a produção de sentido – não estaria, acrescenta o autor, centrado em agentes individuais, nem em agentes coletivos, e sim:

no funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e de produção idéica, sistemas de inibição e automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.) (GUATTARI; ROLNIK, 1986: 31).

A questão que se segue a essa proposição é a de “como os agenciamentos de enunciação reais podem colocar em conexão essas diferentes instâncias” (GUATTARI, 1986:

31). Como a territorialidade Clube da Esquina opera e agencia essas conexões é precisamente o objetivo do presente tópico.

Do ponto de vista extrapessoal, podemos compreender e situar Minas a partir das condições de produção que regem sua discursividade. Elementos musicais como sistemas de linguagem norteiam a produção de sentido de duas formas: a divisão social do trabalho – na produção da subjetividade – aponta para uma “encruzilhada política e micropolítica fundamental” onde um lado aponta para uma lógica de reprodução de modelos e outro, para o processo de singularização.

## 2. MINAS

Nos interessa sobremaneira, em se tratando da análise musical, apontar o que identifica o processo de singularização, o que está bem de acordo com a proposição *certeuniana* de desvio, de negativo significativo (CERTEAU, 2011). Os elementos musicais que rompem e surpreendem são aqueles que tomaremos, fundamentalmente, por objeto de análise, em outro momento do texto.

Acreditamos que é do ponto de vista infrapessoal que podemos propor uma cartografia de Minas mais interessante. O novo musical, o elemento surpresa e negativo, dentro de um amplo contexto semiótico que é o da Música Popular, demonstrou ser capaz de inventar uma nova percepção: uma nova relação com o elemento metafórico e simbólico se instaurou de maneira marcante em Minas. A construção de refrões em estruturas instrumentais – onde a palavra se ausenta – vai de encontro à lógica fundamental da música de mercado: abdica-se daquilo que todo mundo pode cantar junto para propor uma única voz instrumentalizada, cujos múltiplos sentidos se produzem na escuta. A dimensão infrapessoal da escuta é acionada uma vez que a forma sugerida, não completada, é terminada pelo ouvinte. Dizendo de outra forma, ganha um sentido no ato da escuta, quando os sistemas de sensibilidade, de desejo e afeto são atingidos. Minas lida de forma lúcida com a multiplicidade das subjetividades através do implícito e assim consegue vir a ser um sucesso de vendas e de crítica, no de 1975. No terreno das múltiplas subjetividades, o implícito universaliza.

Considerando a territorialidade Clube da Esquina, podemos perceber o processo de singularização em Minas pela conexão do indivíduo com o exterior, sobretudo pelos mecanismos infra-pessoais:

Estamos totalmente prisioneiros de uma espécie de individuação da subjetividade. Nesse sentido, parece-me que a questão não é propriamente a de nos resgatarmos a nível de nossa individualidade, pois podemos ficar girando em torno de nós mesmos, como se estivéssemos com uma terrível dor de dente, sem poder desencadear processos de singularização a nível infrapessoal, nem a nível extrapessoal, já que para isso é necessário se conectar com o exterior (GUATTARI; ROLNIK, 1986: 38).

Em Minas, o agenciamento coletivo da enunciação – sujeito – ou a subjetividade coletiva ali territorializada promove o processo de singularização sobretudo pela via infrapessoal, onde diferentes indivíduos se conectam de forma inovadora e estranha às lógicas do maquinismo industrial: as relações de trabalho estão subordinadas a vínculos afetivos, às memórias discursivas e à noção do coletivo, herança, que proponho como hipótese, das antigas organizações coletivas das Irmandades Religiosas, muito presentes em Minas Geraes, no século XVIII.

Corroborando nesse processo, estaria atuando ainda na instância infrapessoal, embora em direção contrária, o que Guattari chama de função da economia subjetiva capitalística: a culpabilização é a função que propõe, a partir de uma referência dominante, as perguntas “quem é você?”, “o que você vale?”, etc. A sustentação do processo de singularização se torna frequentemente impossível, sob ponto de vista do indivíduo:

E somos obrigados a assumir a singularidade de nossa própria posição com o máximo de consistência. Só que isso é frequentemente impossível de fazermos sozinhos, pois uma posição implica sempre um agenciamento coletivo. No entanto, à menor vacilação diante dessa exigência de referência, acaba-se caindo, automaticamente, numa espécie de buraco, que faz com que a gente comece a se indagar: “afinal de contas quem sou eu? Será que sou uma merda?” É como se nosso próprio direito de existência desabasse. E aí se pensa que a melhor coisa que se tem a fazer é calar e interiorizar esses valores. Mas quem é que diz isso? Talvez não seja necessariamente o professor, ou o mestre explícito exterior, mas sim algo de nós mesmos, em nós mesmos e que nós mesmos reproduzimos. Instâncias de superego e instâncias de inibição (GUATTARI; ROLNIK, 1986: 38).

Daí tem-se que o processo de singularização, materializado nas relações de trabalho, em Minas, ilustra uma tática certeuniana de reagir à opressão do maquinismo industrial, trazida à baila pela culpabilização. De uma subjetividade singular a outra, tem-se o território.

De uma subjetividade singular a outra, tem-se o território. Acredito que exatamente a partir desse ponto a curva muda sua direção: o que era o singular, o negativo, se amplia e se aglutina por reação à função da economia subjetiva capitalística, de modo a ser reapropriado, encaixado, recolocado. Toda inovação ou surpresa é categorizada de modo a garantir a ordem social, e já não se tem mais o novo, o singular, mas uma nova produção de

subjetividades que incorporou os elementos de singularidade de modo que eles agora estão devidamente associados a alguma zona de enquadramento e de referenciação.

Temos enfim uma dinâmica complexa e aparentemente paradoxal instaurada: dos diversos devires, e suas singularidades, suas relações infrapessoais e extrapessoais ocorre a inovação do sentido, surge uma nova maneira de ouvir, uma territorialidade no campo da Música Brasileira. E justamente a partir disso, e por causa disso, ficam comprometidos os processos de singularização, à medida que os maquinismos e a produção das subjetividades capitalísticas os incorporam em um novo referencial: o Clube da Esquina, ascendido (?) à condição de zona de referenciação.

### Referências:

- ALMEIDA, Mariangela Ribeiro de. *A canção como narrativa: o discurso social na MPB (1965-1975)*. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Escola de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- CANÇADO, Wilson Lopes. *Novena, Crença e Gira Girou de Milton Nascimento e Márcio Borges: análise de suas três primeiras composições criadas em uma noite de 1964*. 2010. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música, UFMG.
- CANTON, Ciro Augusto Pereira. *Nuvem no céu e raiz Romantismo Revolucionário e Mineiridade em Milton Nascimento e no Clube da Esquina (1970 – 1983)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Ciências Sociais, Políticas e Jurídicas, UFSJ.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 3ª.edição. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- GARCIA, Luiz Henrique Assis. *Na esquina do mundo: trocas culturais na música popular brasileira através da obra do Clube da Esquina (1960-1980)*. 2006. Tese (Doutorado em História) - Escola de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG.
- GUATTARI, F ; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7ª. Edição. Petrópolis: Vozes, 2005.
- JUNIOR, Cleber Sberni. *O álbum na indústria fonográfica: contracultura e o Clube da Esquina em 1972*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
- MARTINS, Bruno Viveiros. *Som imaginário: amizade, viagens e cidades nas canções do Clube da Esquina*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG.
- OLIVEIRA, Rodrigo Francisco de. *Mil tons de Minas: Milton Nascimento e o Clube da Esquina: cultura, resistência e mineiridade na música popular brasileira*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de História, UFU.
- SILVA, Carlos Alberto Silva da. *A negritude através de Maria Maria de Milton Nascimento*. 2003. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Centro de Comunicação e Expressão, UFSC.
- SILVA, Clara Cyrino Lugão. *De tudo se faz canção: sobre as escolhas temáticas na música do Clube da Esquina*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Escola de Sociologia e Política, PUC-Rio.
- SILVA, Kristoff. *Contribuições do arranjo para a construção de sentido na canção brasileira: análise de três canções de Milton Nascimento*. 2011. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música, UFMG.

TEDESCO, Cybelle Angélique Ribeiro. *De Minas, Mundo : a imagem poético musical do clube da esquina*. 2000. Dissertação (Mestrado em Multimeios) - Escola de Artes, Universidade Estadual de Campinas.

VIEIRA, Francisco Carlos Soares. *Pelas esquinas dos anos 70 - utopia e poesia no clube da esquina*. 1998. Dissertação (Mestrado em Poética) - Faculdade de Letras, UFRJ.

VITENTI, Ada Dias Pinto. *Uma certa musicalidade nas esquinas de Minas (1960-1970)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de História, UNB.

---

<sup>1</sup> Encontramos trabalhos que abordam questões relacionadas ao *Clube da Esquina* e mesmo de *Milton Nascimento*, mas ainda assim em quantidade não muito expressiva, e quase na totalidade fora do campo da musicologia. De modo geral trabalhos no campo da sociologia e da história parecem se interessar sobretudo com a questão da “mineiridade”, como é caso da dissertação de mestrado de Silva (2012). Martins (2007) discute as narrativas em um recorte específico de canções do Clube da Esquina, a partir da análise de suas letras.

Oliveira (2006), também do campo da História, também se preocupa com a noção de mineiridade e também discute cultura popular. *Mineiridade* também é uma preocupação para Canton (2010), mas procura atrelar essa noção às de romântico e de revolucionário. Vitenti (2010) também se interessa por essa noção de mineiridade e trabalha com a articulação das falas, em busca de um “espírito mineiro”. Garcia (2006) aborda o período de 1960-1980, no que se refere ao que ele chama de *trocãs culturais* na obra do Clube da Esquina.

Falando a partir do campo da Arte, temos o trabalho de Tedesco (2000) que tem por objeto dois discos – Clube da Esquina 1 e Clube da Esquina 2 – sobre os quais desenvolve sua análise.

Silva (2003) discute a negritude a partir da análise do CD *Maria Maria*, onde a personagem Maria, através de sua história de vida, que se desenvolve no decorrer das músicas, permite uma releitura cultural do Brasil colônia até os dias atuais.

Almeida (2005) constrói uma reflexão sobre os sujeitos dos discursos da música popular brasileira, a partir da análise de letras de canções finalistas dos Festivais da Canção das décadas de 60 e 70. Junior (2007) trabalhou com o conceito de álbum a partir do disco *Clube da Esquina*, de 1972. Procura pelo conceito de obra, no contexto brasileiro e sua relação com o mercado fonográfico. O autor observa que a partir da década de 1970, os discos reproduziam de maneira particular os diálogos e a difusão de mensagens dos movimentos ligados à contracultura.

Outro autor do campo das Letras, Vieira (1998) ressalta a importância do Clube da Esquina como resistência cultural. Aborda a estética do Clube da Esquina como uma relação dicotômica de poesia e utopia e de música e poesia. Cançado (2010) que transcreve e analisa forma, materiais temáticos e harmonia de três canções de Milton, a saber: *Crença*, *Gira Girou* e *Novena*. Silva (2011) realiza a análise de três canções, a partir de uma abordagem semiótica: *Cais*, *Um gosto de sol* e *Que bom amigo*.